

The background of the DVD cover is white, featuring several thick, colorful, abstract lines in shades of green, orange, blue, red, purple, and pink. These lines are scattered across the page, some forming loops and others straight paths. In the top right corner, there is a circular logo with a blue background and a yellow border. The text inside the logo is arranged in four lines: 'DVD' in blue, 'Material' in yellow, 'Educativo' in green, and 'para Professor Propositor' in red. In the center of the cover, there is a large, rounded orange rectangle containing the title 'A LUZ DE GUIGNARD' in white, uppercase letters. At the bottom center, there is a logo for 'arte na escola' which consists of a stylized 'Ae' in yellow and red, with the words 'arte' and 'na escola' in black below it. At the very bottom, there is a black rectangular box with the text 'DVDteca' in white. The bottom edge of the cover is decorated with a horizontal bar composed of several colored segments: purple, light blue, green, red, blue, and yellow.

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

A LUZ DE **GUIGNARD**



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

A luz de Guignard / Instituto Arte na Escola ; autoria de Tarcísio Tatit Sapienza ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 59)

Foco: FE-1/2006 Formação: Processos de Ensinar e Aprender

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-38-5

1. Artes - Estudo e ensino 2. Pintura 3. Desenho 4. Guignard, Alberto da Veiga I. Sapienza, Tarcísio Tatit II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

A LUZ DE GUIGNARD

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Tarcísio Tatit Sapienza

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

A LUZ DE GUIGNARD

Ficha técnica

Gênero: Documentário com depoimentos de ex-alunas e da fundadora do museu do artista.

Palavras-chave: Educação do olhar; artista-professor; concepção de ensino de arte; temática figurativa; desenho; pintura; heranças culturais, observação sensível.

Foco: **Formação: Processos de Ensinar e Aprender.**

Tema: A obra e a vida do artista-professor Alberto da Veiga Guignard.

Artistas abordados: Alberto da Veiga Guignard, Iberê Camargo, Amílcar de Castro.

Indicação: Formação de educadores e programas de educação continuada.

Direção: Amílcar Monteiro Claro.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2000.

Duração: 23'.

Coleção/Série: *O mundo da arte.*

Sinopse

O tema deste documentário é a vida e a obra do artista-professor Guignard, participante do modernismo brasileiro. O documentário mostra pinturas suas de diversos períodos: flores, naturezas mortas, retratos e paisagens. Nascido em Nova Friburgo, trabalhou no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, estado onde se localiza o seu notório caso de amor, a cidade de Ouro Preto. Em Belo Horizonte, a convite do então prefeito Juscelino Kubitschek, criou a Escola Guignard, onde formou diversos artistas de renome. Suas alunas Maria Helena Andrés e Sara Ávila,

artistas plásticas, falam de seu ensino e de seu legado ainda presente na escola que deixou. Priscila Freire, fundadora do Museu Casa de Guignard, destaca a dignidade que dá ao povo brasileiro em seus retratos, como *Família do fuzileiro naval*.

Trama inventiva

Vida tão cheia de encontros! Vida de educador. Encontros com a arte, encontros com aprendizes de arte. Às vezes, o encontro é na sala de aula; outras, no mundo do lado de fora. O que representa para o educador o seu trabalho? Paixão? Diversão? Meio ou fim? Para alguns, domina sua vida; para outros, confunde-se com ela. Seja deste ou daquele modo, todo educador tem uma curiosa sensibilidade para o outro. Outro-obra, outro-gente. Assim, de forma muito pessoal, o educador vai renovando saberes, experiências, fazeres educativos em arte. Na cartografia, mirar este documentário no território **Formação: Processos de Ensinar e Aprender** oferece ao olhar paisagens educativas pintadas com cores vivas por aqueles que, atuando como professor, mediador ou artista-educador, educam com arte para a arte.

O passeio da câmera

Auto-retratos em vários momentos de sua vida nos aproximam de Guignard: um “jovem de cabeça” que se entusiasmava com tudo o que via. É por sua simpática figura que nos aproximamos do homem artista e professor, gentil com as mulheres e com a vida.

O documentário é dividido em três partes, com a duração aproximada de 9', 6' e 8' cada uma, respectivamente. Em sua montagem, encontramos intercalados: depoimentos sobre o artista; registros do espaço de sua exposição no MASP/SP, em 2000, e do museu em Ouro Preto que leva seu nome; fotos do artista e de obras de diversas épocas; vídeos com cenas de cidades onde trabalhou, além de trechos de poesias dedicadas a ele.

No primeiro bloco, o documentário se inicia com seus auto-retratos e sua biografia, destacando seu trabalho em arte e no ensino de arte no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Priscila Freire, a fundadora do Museu Casa de Guignard, apresenta algumas peças do museu. O segundo, focaliza a fundação da Escola Guignard, em Belo Horizonte, onde formou diversos artistas de renome, como Amílcar de Castro e Iberê Camargo. Traz também os depoimentos de ex-alunas, as artistas plásticas Maria Helena Andrés e Sara Ávila. Já o terceiro bloco é dedicado à sua forte ligação com a cidade de Ouro Preto, inspiradora de suas paisagens imaginantes.

O documentário traz pistas para iniciar proposições pedagógicas diversas, como em *Forma-Conteúdo*, linha, cor, e temática figurativa; em *Linguagens Artísticas*, pintura, desenho, poesia; em *Materialidade*, procedimentos artísticos; em *Mediação Cultural*, os agentes e os espaços sociais do saber; em *Patrimônio Cultural*, heranças culturais, preservação e memória; em *Processo de Criação*, o artista-pesquisador, a sua poética pessoal, a observação sensível; em *Saberes Estéticos e Culturais*, a história da arte brasileira, a sociologia da arte, o artista e a sociedade.

O território da **Formação: Processos de Ensinar e Aprender** foi escolhido como foco central deste material considerando a qualidade do exemplo de Guignard, que soube integrar de modo tão profundo seu trabalho de artista e professor.

Sobre Alberto da Veiga Guignard

(Nova Friburgo/RJ, 1896 - Belo Horizonte/MG, 1962)

Nasceu em Nova Friburgo, em 25 de fevereiro de 1896, feio como todo recém-nascido.

Estudou em Munique, na Real Academia de Belas Artes, onde aprendeu desenho e amou.

De acadêmico passou a moderno, após ter visto uma exposição de arte moderna alemã: o modernismo o fascinou.

Em 1930 veio para o Brasil, onde teve um choque com o ambiente artístico, bem atrasado em relação à Europa. Abriu seu ateliê no

Jardim Botânico, entre a vegetação e milhares de mosquitos.

Veio para Belo Horizonte, a chamado do então prefeito Juscelino Kubitschek, e daqui se enamorou desde o primeiro dia da paisagem.

Fundou a Escolinha de Guignard, que tem vivido por milagre e amor de alunos e mestres, e aqui ensinou arte a diversas gerações de jovens. Adora ser cercado pela juventude, principalmente moças bonitas, e Ouro Preto é a sua cidade amor-inspiração.

Alberto da Veiga Guignard¹

É assim que Guignard se apresenta, sempre honesto com sua própria imagem, como ouvimos no documentário. Nascido com o lábio leporino, esse artista brasileiro se muda para a Europa com 11 anos e volta ao Brasil em 1930, com mais de 40 anos e uma carreira que ultrapassa valores acadêmicos.

Sua vida não é fácil, mas “montanhês, por isso forte”, Guignard sabe superar “a perda trágica do pai, a perseguição do padrasto, a pobreza, a frustração do seu mais almejado sonho, o casamento”.² É alegre, espontâneo e sua dificuldade de falar é sobrepujada pela gestualidade que lhe é peculiar.

Apaixonado pela paisagem brasileira, aproxima-se dela, inicialmente no ateliê que monta no Jardim Botânico. É como se fosse a sua Giverny³, a casa de campo de Claude Monet. Depois, em Itatiaia, pinta paisagens como um botânico, com olhos atentos e sensíveis à exuberância de nossa flora. Nelas, o horizonte claro contrasta com o primeiro plano mais escuro.

Em Ouro Preto, emociona-se com a primeira visão da cidade, ao amanhecer. As cúpulas das belas igrejas barrocas emergem em luz na bruma fria da serra mineira. Sensação que continuará na atmosfera na qual envolve a cidade amada. São suas “paisagens imaginantes”. Para Walter Zanini⁴:

Guignard pintava o visível como se imerso em estado de sonho. Todo o seu universo etéreo de paisagens, retratos, auto-retratos, cenas com personagens figurados à maneira de uma pose fotográfica, flores, naturezas-mortas, temas religiosos e outros o revela. Ele se vale para isso de um desenho insinuante e grácil, que possui importância ascendente em relação à cor, aplicada com leves dosagens ao suporte.

O “visível em estado de sonho” nos mostra a realidade pelos olhos de Guignard: naturezas mortas e muitas flores, retratos e auto-retratos, a natureza e a cidade, cavalos alados. “Como um demiurgo, procurou retirar os objetos de sua banalidade de seu prosaísmo, ao decidir transformá-los. (...) Marcou com extremada sensibilidade e ternura os locais onde esteve ou morou.”, diz Frederico Morais⁵.

Amante do grafismo da linha incisiva e do modelado suave, segundo um dos alunos - o artista plástico Iberê Camargo⁶ -, a pintura de Guignard é luminosa. “No desenho, segue com amor o contorno das coisas que vê e delas se apossa.” Posse amorosa, solta e liberta, numa linha fluida e macia. Amoroso também com os amigos, guardados carinhosamente no caderno repleto de autógrafos, como o de Cecília Meireles, que podemos ver no documentário, conservado entre as poucas coisas que leva sempre consigo.

Gosta de presentear seus amigos com quadros, e homenageia seu pai todo mês de junho, segundo relato de Priscila Freire, fundadora do museu que leva seu nome, com paisagens cheias de balões juninos.

A maior parte de sua produção é dedicada aos retratos, sem se preocupar se eram parecidos de fato ao retratado. “Quem o saberá daqui a 100 anos?”, justifica ele. O lábio leporino também está presente em representações de Cristo e outras figuras religiosas. As famílias ganham estados de nobreza em retratos que dignificam o povo simples, como a *Família do fuzileiro naval* (1938) ou *As gêmeas* (1940), no qual se vê, atrás das irmãs Lea e Maura, a paisagem do bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Com essa obra, recebeu o prêmio de viagem ao país, na divisão moderna do Salão Nacional de Belas Artes.

Como artesão de seu ofício de artista, Guignard prepara suas telas, seus instrumentos, seus vernizes. Com o mesmo cuidado, preocupa-se com cada aluno que compartilha com ele o conviver sensível com a arte.



Os olhos da arte

Guignard não perdeu a inocência das crianças. (...) manteve a espontaneidade criadora (...), a alegria, o entusiasmo pela vida, o prazer de descobrir cores novas nos céus e nas montanhas, nos reflexos das águas, nos cortes das árvores, nas manchas dos muros velhos, eram qualidades inerentes à sua personalidade. (...) estendia este entusiasmo aos seus alunos. A natureza era o seu ponto de referência. “Olhe, o colorido dos céus de Minas Gerais tem um brilho diferente, repare as árvores, as folhagens, as raízes ...”

Maria Helena Andrés ⁷

Artista-professor entusiasmado, o mestre Guignard ensina a olhar. Não o olhar normatizado pelas escolas acadêmicas, ainda reflexo do olhar da Missão Francesa⁸, mas o olhar ampliado pelos caminhos modernistas, conjugando técnica e criação, valorizando as possibilidades de composição e de expressão. Yara Tupinambá⁹ atesta a sua influência: “podemos dizer que a pintura mineira é: antes e depois de Guignard”.

Entre os depoimentos apaixonados de seus alunos, a diversidade dos trabalhos criados por eles é o melhor testemunho que podem prestar. Atento a cada aluno, dá espaço para a individualidade, respeita e valoriza “tanto o aluno que desenha realisticamente um retrato a lápis duro, quanto aquele que se afasta por completo do modelo, para imprimir na tela imagens subjetivas.”, como diz Andrés¹⁰, que revela também que ele “não ditava leis, mas fazia o aluno descobrir o equilíbrio e a proporção no próprio trabalho, sem demonstrações dogmáticas.”

Pode-se perceber aspectos de sua metodologia nos vários depoimentos dos alunos, ampliando seus olhares para a observação também em aulas fora dos espaços fechados de uma sala. Uma pedra jogada no lago, por exemplo, impulsiona para ver o movimento, a transformação, as surpresas de um mundo sempre a ser descoberto. Educa o olho do artista:

[Ele] nos mandava observar o Parque Municipal durante uma manhã inteira. Partindo de uma visão abrangente dessa realidade, a gente passava a selecionar formas, a se ocupar, então, com detalhes de



Alberto da Veiga Guignard - *A família do fuzileiro naval* (MA-0258) - Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros - USP

texturas de manchas coloridas. (...) Mas o aluno tinha total liberdade em escolher, interpretar e organizar o seu trabalho.¹¹

Cuidadoso, Guignard comenta e anota “nos trabalhos dos alunos o que eles deveriam pesquisar no dia seguinte”, conforme relato de Wilde Lacerda¹². Percebe-se, assim, que uma ação desencadeava outra, no sentido de desenvolver a criação e a poética de cada aluno, impulsionando

todos, pois, como diz Silésio¹³, o mestre “costumava destacar os alunos que tinham uma pesquisa diferente para mostrar.” Percebe-se também pelos relatos que não há pressa em acabar os trabalhos, como confirma Andrés¹⁴:

A sua disciplina não se fundamentava em conceitos teóricos, mas na experiência: era a observação, concentração, e integração total da pessoa com a paisagem. (...) O desenvolvimento da percepção era caminho também para o autoconhecimento e auto-expressão. Criatividade e disciplina, liberdade e concentração, espontaneidade e reflexão fundiam-se dentro do mesmo estímulo.

Com lápis duros para desenhar e a proibição do uso da borracha, Guignard impulsiona a consciência do gesto e ensina mais atitudes do que procedimentos técnicos. Não é à toa que sua presença faz diferença nas vidas daqueles que compartilharam suas lições de vida e de arte.

O momento é propício. Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, marca o seu governo com a renovação da cidade e de sua cultura: em 1942, Niemeyer e Portinari criam o

projeto da Pampulha, em 1944, Guignard é convidado a dirigir a Escola de Belas Artes. No mesmo ano, a I Exposição de Arte Moderna é promovida por ele com as obras e a presença de artistas modernistas de São Paulo e Rio de Janeiro. Mário de Andrade, em 1944, antevê que ali iria se formar um núcleo forte de artes plásticas no Brasil.

A escola supera dificuldades financeiras e enfrenta mudanças, compartilhadas também por Edith Behring e Franz Weissmann. Por eles passam alunos que se tornaram conhecidos, como Iberê Camargo, Amílcar de Castro, Álvaro Apocalypse, Farnese de Andrade, Maria Helena Andrés, Mary Vieira, entre outros. Vários ex-alunos se tornaram professores, sob a direção de Guignard até sua morte, em 1962, quando a escola recebe seu nome, como homenagem.

Outros artistas, assim como Guignard, tornam-se importantes também como professores de tantos outros. Fayga Ostrower, Regina Silveira, Carlos Fajardo, presentes nesta DVDteca, também muito nos ajudam a pensar nas concepções de ensino da arte pautadas no conhecimento e vivência da linguagem da arte. **Mais do que procedimentos técnicos, esses artistas-professores ensinam uma filosofia de vida que tem na arte um modo especial de se posicionar frente ao mundo.**

O passeio dos olhos do professor

Convidamos você a ler este documentário antes de planejar sua utilização. A proposta é iniciar um diário de bordo, instrumento de registro dos rumos trilhados por seu pensar pedagógico, a ser retomado e desenvolvido durante todo o processo de trabalho junto aos alunos. Recomendamos, a partir da exibição do documentário, anotar suas impressões utilizando os meios com que tiver mais afinidade: escrita; desenho; colagem, etc. Assistir ao DVD mais de uma vez também é um procedimento recomendado. A pauta do olhar que sugerimos a seguir pode ajudá-lo neste registro inicial, fica a seu critério consultá-la antes ou não.

- Que aspectos do trabalho de Guignard atraem mais a sua atenção?
- O que o documentário desperta em você?
- O documentário traz elementos para refletir sobre a relação entre sua concepção de educação e de ensino de arte?
- O que imagina que os alunos-professores gostariam de ver no documentário? O que causaria atração ou estranhamento?
- O que parece fundamentar a ação de “desenhar sem borracha”?
- A valorização da observação se torna visível neste documentário? Como? Por quê?
- Quais relações podem ser estabelecidas entre a pessoa, o artista e o professor?
- Como imagina aproveitar na sala de aula a divisão do documentário em três segmentos?
- Qual o foco que você daria ao trabalho em sala de aula a partir deste documentário?

Ao rever as anotações, o seu modo singular de percepção e análise se revela. A partir destes registros e da escolha do foco de trabalho, quais questões você incluiria numa pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos por este documentário?

A pauta não precisa ser trabalhada com os alunos como um questionamento verbal: o contato deles com suas questões pode se dar através da realização de diversas propostas para aprender-ensinar arte que você pode formular partindo deste direcionamento; e suas respostas também podem ser não verbais, e sim, expressas pelo desenvolvimento de seu processo de trabalho.

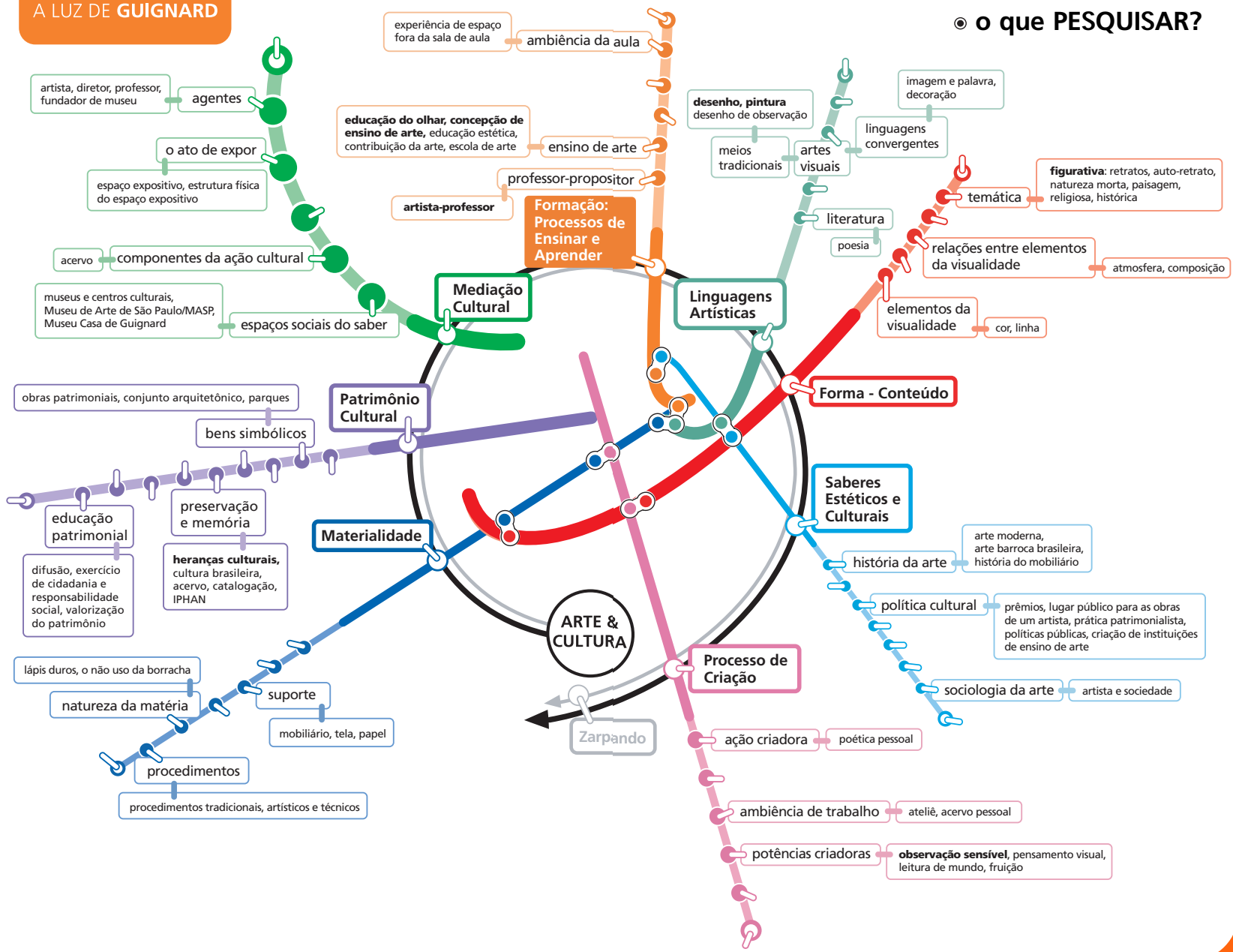


Percurso com desafios estéticos

Conforme destacamos no mapa, consideramos o território **Formação: Processos de Ensinar e Aprender** um enfoque relevante a retomar em suas proposições pedagógicas. A se

Mapa potencial
A LUZ DE GUIGNARD

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



guir, apresentamos alguns percursos de trabalho com potencial de impulsionar projetos para o aprender-ensinar arte, especialmente com professores em formação inicial ou contínua.

Os caminhos sugeridos não precisam ser seguidos linearmente, você está convidado a traçar a sua própria rota: escolha por onde começar, onde passear, em que partes permanecer mais tempo e o que descartar.

O passeio dos olhos dos alunos

Estes caminhos têm a intenção de sugerir modos de convocar os alunos-educadores para assistirem ao documentário, des- pertos para a reflexão sobre o aprendizado e a pesquisa em arte e animados pelas ações expressivas a conversar e a socializar.

- ☉ O texto poético do artista Amílcar de Castro¹⁵, que foi alu- no de Guignard, pode ser discutido na preparação para as- sistir ao segundo bloco do documentário:

Guignard - desenhista.
Ensinou a desenhar a lápis 7, 8, 9H.
Esse método de desenho trouxe o gosto pelo bem-feito.
Sem sombras.
Pelo que é sensível sem exageros sentimentais.
Pela comunicação direta, sem adjetivos ou preciosismos.
Foi o que nos deu o conhecimento da linha.
Ela mesma.
O caminho.
O ritmo.
O que separa e valoriza espaços.
O que é força e suavidade ao mesmo tempo sem intermediários.
Música necessária.
Solo de tempo contido na previsão do espaço.
E trama e tece teia de poesia linha e luz
Sobre Ouro Preto que amanhece agora.
Foi o que fez com absoluto talento e sabedoria. Grande mestre.

- ☉ Uma pequena seleção de imagens das obras do artista, jun- tamente com a leitura desta poesia de Cecília Meireles¹⁶, escrita em 1947, pode ser usada na preparação para assis- tir ao primeiro bloco do documentário:

Improviso para Guignard
Árvores de nuvem
e flores do mar:

levai-me a esse mundo
do Rei Guignard.

Em barcos de flores
iremos cantar
às aves e aos peixes
do Rei Guignard.

As rochas de espuma
as conchas de luar
o sonho pousado
em remagem de ar
levai-me a esse reino
do Rei Guignard.

- ☉ Os alunos conhecem a cidade de Ouro Preto? O que já sabem dela? Uma conversa sobre as cidades históricas e possíveis lembranças dos alunos podem ser usadas na preparação para assistir ao terceiro bloco do documentário. O que ele despertará nos alunos?

Essas são algumas proposições que você pode recriar ou ampliar. No entrelaçamento entre as proposições para provocar o olhar e a exibição do documentário, quais projetos podem ser desencadeados?

Desvelando a poética pessoal

É possível uma poética do educador? Embora possa parecer estranho sugerir desafios para isso, no território de **Formação: Processos de Ensinar e Aprender**, a poética pode retratar um modo singular de ser professor, um modo singular de ensinar arte. Para que ela seja desvelada, sugerimos, para sua reinvenção, duas ações que podem ser escolhidas pelos alunos em formação:

- ☉ A criação de um primeiro esboço de proposta de trabalho envolvendo o desenho. Para iniciar, é importante que eles mesmos experimentem lápis duros, a impossibilidade de usar borracha e o chamado desenho de observação. Para isso é preciso pesquisar sobre os diversos tipos de lápis e também sobre a própria história do desenho de observação. O “olhar de Missão Francesa” e a desconsideração de qualquer desafio de observação de algumas propostas que estão nas escolas podem nos fazer repensar sobre o espaço da observação na arte e no ensino contemporâneo.

- ⦿ Considerando que o professor também faz uma curadoria – curadoria educativa¹⁷ - ao escolher as obras que oferece à leitura de seus alunos, cada aluno em formação pode selecionar as obras que gostaria de oferecer a uma série específica, escolhendo um fio condutor. Desafiar os alunos a buscar obras produzidas por homens e mulheres, de várias épocas e lugares, não esquecendo de etnias pouco divulgadas, assim como a cultura popular. Cada obra selecionada deve conter os seguintes dados: nome do artista (com data de nascimento e morte, se for o caso), título da obra e ano de produção, técnica, tamanho e, se possível, o acervo em que está localizado e/ou a fonte de onde foi retirada.

O acompanhamento das duas propostas sugeridas pode gerar novas questões e você poderá ajudá-los com informações. A concretização delas pode se dar em complementaridade a outras sugestões colocadas em seguida e apresentadas ao grupo ao final do projeto.

Ampliando o olhar

- ⦿ “Quero que meus alunos aprendam a criar (...) ora fazendo trabalho de observação da natureza, ora se dedicando a trabalhos de imaginação e fantasia” disse Guignard¹⁹, em 1946. Os alunos-educadores podem ser desafiados a criar, com desenhos a lápis, uma série de cenários e personagens a partir de referências como sua casa, sua escola, sua cidade, suas leituras, seus sonhos, etc.
- ⦿ Inspirados na frase “levei-me a esse mundo do Rei Guignard”, da poesia de Cecília Meireles apresentada em proposição anterior, os alunos em formação podem imaginar uma história em que fossem realmente transportados ao mundo do Rei Guignard. Eles poderiam usar os desenhos criados na proposição acima como referência para inventar histórias em quadrinhos contando esta viagem, aproveitando os elementos que já elaboraram e criando novos. A história pode ser concebida primeiramente como imagem ou como texto. A participação de professores de português e

literatura, no projeto, pode ser uma grande colaboração no desenvolvimento da proposta. Viver e pensar um projeto interdisciplinar é especialmente interessante na formação inicial ou contínua de educadores.

- A seleção de algumas reproduções de obras de alunos de Guignard, como por exemplo, Amílcar de Castro, Iberê Camargo e Yara Tupinambá, juntamente com algumas obras de Guignard, pode gerar uma discussão sobre direções tão distintas a partir de um mesmo aprendizado, o papel do educador e o porquê dos depoimentos apaixonados de seus ex-alunos.
- Uma pesquisa sobre a produção de crianças e jovens poderia iniciar uma análise sobre retratos, auto-retratos e a questão das semelhanças e da criação. O documentário poderia ser revisto focalizando especialmente os retratos feitos pelo artista e os comentários que são feitos.

Conhecendo pela pesquisa

- Uma investigação sobre a cor, tomando como ponto de partida as obras de Guignard, pode evidenciar os diferentes modos como o artista a empregou. Só a análise dos tons de verde em suas paisagens e a criação da atmosfera já oferece um bom exercício de leitura. Os alunos em formação podem buscar outros artistas que usam a cor de modo semelhante, em oposição ou que complementam as possibilidades da cor presente na poética de Guignard.
- O que o poema de Amílcar de Castro²⁰, aluno de Guignard, pode alimentar como pesquisa para os alunos em formação? Esse poderia se tornar um ponto de partida para um projeto? Com que parte do documentário ligariam esse poema se fossem trabalhá-lo com seus futuros alunos?

Guignard - pintor.

Revela pleno, plana, palma
o mundo em silêncio franco.

Que bonito é viver.

Olhar e ver a dança das cores
ritmo do mundo.

Cor é emoção e pensamento
descoberta e procura
certeza e espanto
fundamento e caminho.

E caminhar com as cores
é testemunhar com o silêncio da luz.

Cor
não existe uma.

E muitas
quando uma sustenta a outra
todas
solidárias tramam
intrigam
comprometem o tempo e o espaço
no lugar
onde a beleza acabou de nascer verdade .

E assim esse pintor e poeta fundou Ouro Preto em cor. Grande Mestre.

- ☉ Normalmente, o modernismo, estudado na escola, se limita à Semana de Arte Moderna. O que podem descobrir nas relações entre esse movimento e Guignard e sua escola em Belo Horizonte? E as ressonâncias nos artistas contemporâneos que por lá passaram?
- ☉ Uma investigação sobre as obras criadas pelos alunos de Guignard que seguiram carreira artística pode fundamentar o estudo sobre ser um professor da linguagem da arte, pautando-se também na fala da arte-educadora Rosa lavelberg²¹: “Ensinar a criar requer maturidade e experiência de criação na área em que se ensina; requer generosidade, conhecimento sobre ensino e sobre aprendizagem, conhecimento de arte e, ainda, desejo e entusiasmo com o desenvolvimento do outro.”
- ☉ Em nossa vida coletiva, cartões de aniversário, bilhetes e cartas estão presentes. No documentário, vemos o cartão enviado por Guignard para uma amiga. O que os alunos-educadores podem pesquisar sobre esses cartões, como o chamado “Pão por Deus”, uma simpática tradição açoriana do litoral de Santa Catarina?

Amarrações de sentidos: portfólio

O portfólio pode ser um apoio para que se perceba o sentido do que foi estudado, reveja os conteúdos e reflita sobre processos de aprendizagem.

Que portfólios poderiam ser criados pelos alunos-educadores para que percebam o processo vivido com mais distância? Como montá-lo? Cronologicamente, no passo a passo de seu fazer? Priorizando o que foi mais importante? Separando ações do pesquisar e do fazer?

Pensar sobre o sentido do portfólio é especialmente importante na formação de educadores. Instigá-los à criação também no fechamento do projeto pode ampliar a compreensão dos instrumentos de avaliação e dos processos vividos.

Valorizando a processualidade

Na apresentação e discussão do portfólio, destacamos as questões: onde houve transformações? O que os alunos-educadores percebem que aprenderam?

Conversar com os educadores em formação sobre todo o projeto vivido, focalizando cada momento no qual a escolha, a participação, a avaliação constante, os desvios, as questões emergentes se fizeram presentes, valoriza a processualidade. Como são educadores, será interessante avaliar o processo e levantar o que consideram importante repetir em outras turmas em formação e o que deveria ser transformado.

Como professor-formador de outros educadores, você também deve fazer sua própria avaliação a partir dessas conversas. O que você percebe que aprendeu com este projeto? Descobriu novos caminhos para sua ação pedagógica nesta experiência? Seu diário de bordo aponta para rumos inexplorados? O projeto germinou novas idéias em você?

Glossário

Criação – “formar significa, antes de mais nada, ‘fazer’, *poiein* em grego. É preciso, sobretudo, recordar que o ‘fazer’ é verdadeiramente um ‘formar’ somente quando não se limita a executar algo já idealizado ou realizar um projeto já estabelecido ou a aplicar uma técnica já predisposta ou a submeter-se a regras já fixadas; mas no próprio curso da operação inventa o *modus operandi*, e define a regra da obra enquanto a realiza, e concebe executando, e projeta no próprio ato que realiza.” Fonte: PAREYSON, Luigi. *Estética: teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 59

Individualidade – “A finalidade geral da educação é estimular o crescimento do que cada ser humano possui de individual, harmonizando ao mesmo tempo a individualidade assim conseguida com a unidade orgânica do grupo social ao qual pertence o indivíduo.” Fonte: READ, Herbert. *Educación por el arte*. Buenos Aires: Paidós, 1964, p. 33.

Mestre – “Guignard reviveu de maneira quase única o antigo mestre, (...) Anteriormente às academias de belas-artes, o mestre (...) trabalhava junto com seus aprendizes e a eles se misturava sem preocupação de superioridade, procurando transmitir experiências.” Fonte: ANDRÉS, Maria Helena. *Os caminhos da arte*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 106-108.

Intuição – “Mobilizando a uma só vez todo o manancial de inteligência e sensibilidade das pessoas, seu potencial de associações e imaginação e suas necessidades interiores, os processos intuitivos informam o próprio modo de conhecer, pois interligam a experiência afetiva do indivíduo às suas indagações pessoais”. Fonte: OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983, p. 58.

Bibliografia

- ANDRÉS, Maria Helena. *Os caminhos da arte*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- DERDYK, Edith. *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001.
- DONDIS, Donis A. *A sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FUSARI, Maria F.de R. e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.
- IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MARTINS, Mirian Celeste et al. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

- OLIVEIRA, Sara Ávila de. *Relatório de experiências*. Belo Horizonte: Fundação Escola Guignard, 1980.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PAREYSON, Luigi. *Estética: teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- REBOUÇAS, Moema Martins. *Paisagem de Minas que é paisagem imaginante*. Disponível em: <www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=19>.
- SALZSTEIN, Sônia (curadora). *Guignard: uma seleção da obra do artista*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo: Museu Lasar Segall, 1992.
- TATIT, Ana; MACHADO, Maria Sílvia M. *300 propostas de artes visuais*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- VIEIRA, Ivone Luzia. *A escola Guignard na cultura modernista de Minas, 1944-1963*. Pedro Leopoldo: Cia. Empreendimento Sabará, 1988.
- ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983, 2.v.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 7 mar. 2005.

- CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA PAMPULHA. Disponível em: <www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/BeloHorizonte/port/listapampulha.asp>.
- ESCOLA GUIGNARD. Disponível em: <www.uemg.br/cadastro2/PHP/unidade_guignard.php>.
- GUIGNARD, Alberto da Veiga. Disponível em: <www.mac.usp.br/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/eixo/salaorev/guignard/index.html>.
- _____. Disponível em: <www.artenarede.com.br/guignard/default.html>.
- MONET, Claude e a casa em Giverny. Disponível em: <www.jardimdeflores.com.br/ESPECIAIS/A28monet.html>.
- MUSEU CASA GUIGNARD. Disponível em: <www.cidadeshistoricas.art.br/ouropreto/op_museu_p.htm>.

Notas

¹ Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais <www.itaucultural.org.br>. Acesso em 7 mar. 2005.

² FROTA, Lélia Coelho. *Guignard: arte, vida*. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1997, p. 227-230.

³ Claude Monet (1840-1926) adquire, em 1890, a casa de Giverny. Alguns historiadores dizem: "Aqui Monet já não é o impressionista de anti-

gamente, o seu estilo foi se aproximando de uma sensibilidade mais científica e menos acidental". De seu jardim é a ponte japonesa e as nenúfares tão presentes em sua obra. Fonte: <www2.uol.com.br/museus/monet/giverny.html>. Acesso em 2 set. 2005.

⁴ Walter ZANINI (org.). *História geral da arte no Brasil*, p. 596.

⁵ MORAIS, Frederico. *Alberto da Veiga Guignard*. Rio de Janeiro: Monteiro Soares, 1979.

⁶ CAMARGO, Iberê. Guignard. In. SALZSTEIN, Sônia (curadora) *Guignard: uma seleção da obra do artista*, p. 21.

⁷ Maria Helena ANDRÉS, *Os caminhos da arte*, p. 106-108.

⁸ Uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida em 1816, por D. João VI. O ponto forte dessa escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus. A partir dessa época, temos uma história do ensino da arte com ênfase no desenho, pautada por uma concepção de ensino autoritária, centrada na valorização do produto e na figura do professor como dono absoluto da verdade. Fonte: Mirian Celeste MARTINS *et al. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*, p. 10-11.

⁹ TUPINAMBÁ, Yara. Entrevista disponível em: <www.viafanzine.yan.com.br/entrevistas2.htm>.

¹⁰ Maria Helena ANDRÉS. *Os caminhos da arte*, p. 106-108.

¹¹ Sara Ávila. Depoimento. In: Ivone Luiza VIEIRA, *A escola Guignard: na cultura modernista de Minas, 1944-1963*, p.72.

¹² *Op. cit.*, Ivone Luiza VIEIRA, p. 100.

¹³ *Op. cit.*, Ivone Luiza VIEIRA, p. 72 (depoimento de Mário Silésio).

¹⁴ Maria Helena ANDRÉS, *Os caminhos da arte*, 1977, p. 106-108.

¹⁵ CASTRO, Amílcar de. *Amílcar de Castro*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999, p.12.

¹⁶ MEIRELES, Cecília. In: Ivone Luzia VIEIRA, *A escola Guignard na cultura modernista de Minas, 1944-1963*, p. 11.

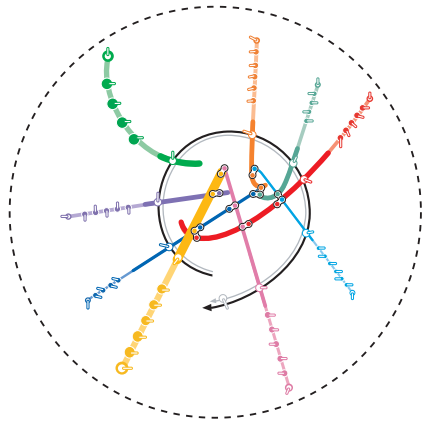
¹⁷ Este termo foi cunhado por Luis Guilherme Vergara, autor do artigo: Curadorias educativas, a consciência do olhar: percepção imaginativa - perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética. In: *Anais ANPAP 1996*, Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, p. 240-247.

¹⁸ Fonte: <www.mpbnet.com.br/musicos/amaranto/letras/aos_olhos_de_guignard.htm>. Acesso em 07 mar. 2005.

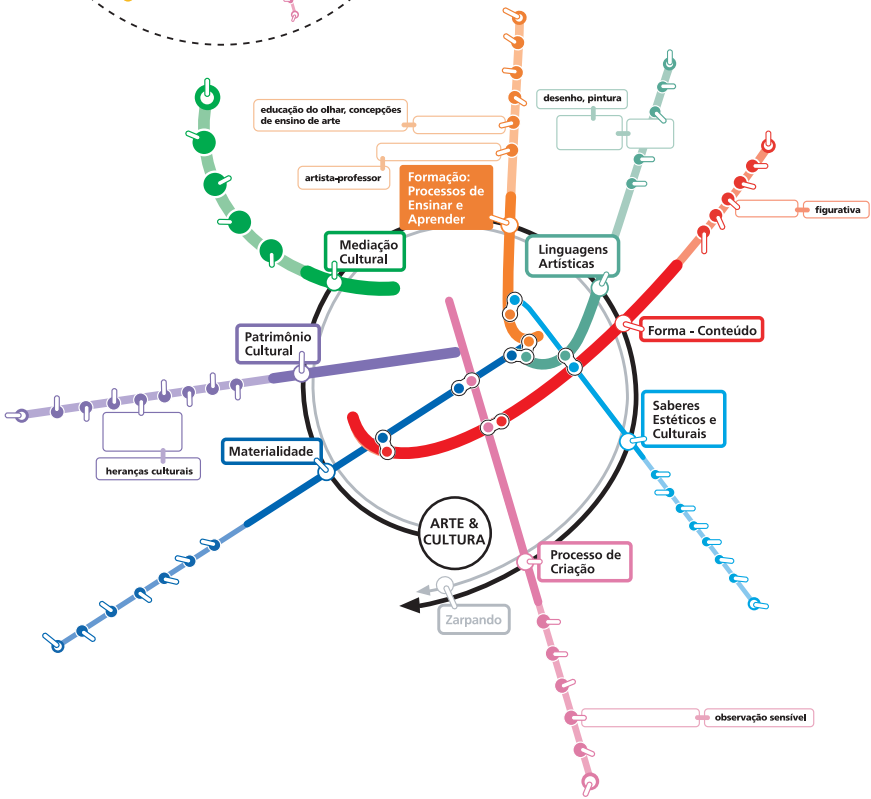
¹⁹ *Op. cit.*, Ivone Luiza VIEIRA, p. 72.

²⁰ CASTRO, Amílcar de. *Amílcar de Castro*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999, p.13.

²¹ Rosa IAVELBERG, *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*, p.79.



Mapa potencial
A LUZ DE GUIGNARD



Patrocínio | Organização



www.artenaescola.org.br